

Introdução

Durante quase os trinta anos de sua incursão no mundo das letras, Lima Barreto construiu uma obra profundamente identificada aos dilemas intelectuais de sua época e às experiências históricas da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo da presente dissertação é rediscutir os vínculos entre literatura, modernidade e o Rio de Janeiro em sua produção.

É sempre oportuno, no que chamamos de ciências humanas, nos interrogarmos sobre os caminhos que nos levam às nossas investigações. Não tanto, talvez, pela necessidade de responder alguma motivação de cunho pessoal, mas pelo fato de elas permanecerem ligadas a algumas das possibilidades que experimentamos diante de nossa própria época.

Há aproximadamente dois anos que venho me dedicando à leitura da obra de Lima Barreto. Se tivesse que explicar de que maneira se manifestou o interesse inicial pela sua literatura, diria que foi, sobretudo, ao observar a maneira pela qual escritor transitou pelas experiências históricas de seu tempo. Lima Barreto viveu em um período de intensas transformações no Rio de Janeiro e de fé na capacidade do homem de controlar cientificamente a natureza e a vida em sociedade. No entanto, ali mesmo onde a ciência e os grupos dominantes de seu tempo não mediram esforços para remodelar a cidade e recriar os sentidos de sua própria época, o escritor insistiu em descobrir uma série de sujeitos, espaços e expectativas alimentando outras possibilidades. Interessava-me, sobretudo, a capacidade do romancista em mergulhar nas tensões de seu tempo e *imaginar* novas possibilidades de vida no interior mesmo desse movimento. Daí que, mesmo num campo intelectual como o nosso, marcado, sem dúvida, por uma multiplicidade de sujeitos e objetos, mas, também, por uma certa dificuldade em lidar com a imaginação, o acaso e a incompletude das experiências históricas, a literatura de Lima Barreto pudesse ser encarada como um tipo de registro bastante interessante de seu presente.

O problema estava justamente em algumas das imagens cristalizadas na fortuna crítica do escritor. Desde a publicação dos seus primeiros romances, até a

consolidação da crítica literária modernista no ambiente intelectual brasileiro, em meados das décadas de 1950 e 1960, Lima Barreto foi seguidamente avaliado como um romancista cuja modernidade literária teria permanecido irrealizada.¹ Sejam as exigências usuais de estilo, linguagem e de conhecimento sensível da realidade, seja em razão de uma alternância exagerada entre os recursos do cômico e a dramatização histórica, seja, ainda, pela suposta incapacidade do romancista em oferecer uma representação estética adequada da sociedade brasileira de seu tempo – essas e outras posições contribuíram para construir a imagem de um Lima Barreto boêmio, popular e simplesmente desregrado.²

Em relação a esse ponto, mesmo a historiografia mais recente – apesar de despreocupar-se com o valor literário que deveria ser atribuído à sua produção ficcional, e conservar-se relativamente mais aberta ao diálogo com os textos literários – não deixou de se voltar para a sua obra com expectativas de que ela oferecesse um *sentido* unívoco às experiências históricas de seu tempo. Ou seja: mesmo mais atentos às oscilações características de sua escrita, os historiadores não deixaram de procurar em Lima Barreto uma visão mais autêntica da realidade brasileira, uma identidade genuína do subúrbio carioca ou mesmo uma visão popular sobre o remodelamento urbano do Rio de Janeiro.³

É claro que aqueles minimamente familiarizados com a sua obra não poderiam deixar de supor que grande parte dessa visão foi construída pelo próprio romancista. Extremamente crítico em relação a certos espaços intelectuais de seu tempo e envolvendo-se em inúmeras polêmicas literárias ao longo de sua carreira, em determinados momentos Lima Barreto parece reconhecer a si mesmo como uma espécie de versão popular do escritor ocupado unicamente em escandalizar a moral burguesa.⁴ No entanto, no caso do autor de *Clara dos Anjos*, não devemos

¹ Cf. PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira. Prosa de Ficção – 1870-1922*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

² Talvez a expressão mais característica desse tipo de visão esteja no livro de João Antônio. Cf. ANTÔNIO, João. *Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

³ Um exemplo recente nesse sentido pode ser encontrado em NETO, Joachin Azevedo. *Uma outra face da belle époque carioca: o cotidiano nos subúrbios de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

⁴ Como na crônica em que o escritor menciona de forma irônica que sentia grande volúpia em desfilar o seu “absoluto relaxamento” pela Rua do Ouvidor. Cf. BARRETO, Lima. “Vestidos Modernos”. *Marginália*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 89.

aceitar tão facilmente a alternativa proposta por certa modalidade de crítica literária entre uma literatura comprometida com a impessoalidade, o cultivo da língua e o conhecimento sensível da realidade histórica e, de outro lado, o puro e simples desleixo intelectual, à serviço de uma causa popular. Se foi assim que grande parte da historiografia literária brasileira encarou a sua literatura – ora valorizando a aproximação com o universo das classes populares, ora condenando-a, como consequência de um simples desleixo intelectual – a própria insistência do romancista em afirmar que haviam *motivos literários* para a sua escrita “propositalmente desigual” nos sugeriam, no entanto, um outro caminho a percorrer.⁵

A trajetória que realizei no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio me colocou em contato com outras concepções da literatura e da atividade literária na modernidade. Os trabalhos de Hans Ulrich Gumbrecht, por exemplo, ao desenvolverem a ideia de que a literatura moderna teve início quando o sujeito humano se atribui a tarefa de se constituir como *observador distanciado* do mundo, e realizou o seu percurso no sentido de rejeitar cada vez mais uma apreensão puramente *conceitual* da realidade,⁶ abriam espaço para uma nova maneira de considerar os efeitos e conteúdos dos textos literários, deslocando-os, assim, da exigência de ter que atualizar infinitamente um entendimento superior da realidade histórica. Seguindo essa sugestão, poderíamos ligar a obra de Lima Barreto a uma série de autores e tendências culturais que, desde pelo menos as décadas finais do século XIX, vinham se afastando cada vez mais das exigências tradicionais de impessoalidade, autoconsciência e conhecimento sensível, mas que, ainda assim, não deixavam de buscar uma aproximação com as experiências mais intensas vivenciadas pelos sujeitos históricos.

⁵ Como na carta de Lima Barreto a Gonzaga Duque, comentando a forma pela qual deveria ser lido o seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909). BARRETO, Lima. “Lima Barreto a Gonzaga Duque”. *Correspondência Ativa e Passiva – 1º Tomo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 169.

⁶ Cf., especialmente, GUMBRECHT, Hans Ulrich. “A mídia Literatura”. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 297-323 e GUMBRECHT, Hans Ulrich. GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Shall we continue to write Histories of Literature?” In: *New Literary History*, vol. 39, n. 3, The Johns Hopkins University Press, Summer 2008, p. 519-532.

Outro ponto importante era o próprio questionamento do movimento modernista de 1922 como marco fundador da modernidade literária no Brasil – levantado por diversos autores ao longo das últimas décadas.⁷ De um ponto de vista como esse, podemos ver que a preocupação do movimento em se voltar para a “realidade brasileira”, e, ao mesmo tempo, traçar o caminho dessa mesma realidade em direção ao “moderno”,⁸ bem que serviu para o país reorganizar as imagens de seu próprio caminho para a modernidade, mas não deixou de marginalizar uma série de manifestações desse mesmo percurso. A avaliação de Silviano Santiago, em meados da década de 1980 – ao destacar o quanto as exigências do cânone literário modernista representavam, naquele momento, uma séria limitação à geração atual de romancistas – é bastante representativa nesse sentido.⁹

Por isso, mais interessante do que procurar um caminho exclusivo para a modernidade seria interrogar as diferentes expressões construídas pelos escritores diante de uma experiência de instabilidade histórica e cultural, característica que não remontaria exatamente à Semana de Arte Moderna de 1922, mas aos variados sentidos de modernidade circulavam pelo país desde pelo menos as décadas finais do século XIX. Os trabalhos de Mônica Pimenta Velloso com as revistas humoristas cariocas,¹⁰ de Antonio Edmilson Rodrigues com João do Rio e Machado de Assis,¹¹ e de Flora Süssekind com os vínculos entre a produção

⁷ Cf. SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: Duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

⁸ Cf. JARDIM, Eduardo. “Modernismo Revisitado”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p. 220-238.

⁹ SANTIAGO, Silviano. “Fechado para balanço (Sessenta anos de modernismo).” In: *Nas malhas da letra: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 75-93.

¹⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. cit., 1996.

¹¹ RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *João do Rio: a cidade e o poeta*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. “As artimanhas do bruxo: caminhos e descaminhos da sorte e da fortuna de Machado de Assis”. In: *Revista Rio de Janeiro*, n. 20-21, 2007, p. 59-72.

literária e as transformações tecnológicas que marcaram a conjuntura¹² sugeriam, sem dúvida, caminhos interessantes a serem seguidos.

Essa perspectiva permitia reconsiderar, ainda, a relação entre a produção literária e a própria história do Rio de Janeiro. Se o chamado grupo modernista de 1922 havia desvalorizado a experiência intelectual carioca ao longo das primeiras décadas do século XX, considerando-a como simplesmente mundana, importada ou artificial, a historiografia mais recente vem revelando a existência de um ambiente intelectual diversificado, com dinâmicas próprias e intimamente ligado à vida da cidade.¹³ Assim, antes de se identificar um *único* sentido que teria marcado a produção cultural carioca do período, deveríamos reconhecer, em primeiro lugar, a diversidade de formas construídas pelos escritores para dialogar com as tendências intelectuais mais significativos do período, com o público das ruas e com os atributos históricos da modernidade.

Por tudo isso, consideramos que seria interessante revisitar os vínculos entre literatura, modernidade e o Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto. A cidade, assim, apareceria em dois momentos distintos. Em primeiro lugar, como espaço de contato com as publicações, a sociabilidade intelectual e as polêmicas literárias – expressando a maneira pela qual Lima Barreto se relacionou com algumas das tendências históricas e culturais mais significativas de sua própria época. Em seguida, como ambiente de choques, tensões, contatos e sujeitos a partir dos quais o escritor impulsionou a sua própria obra.

Levando em consideração essas questões, decidimos dividir a pesquisa em três partes. No primeiro capítulo, realizamos um estudo da recepção da obra de Lima Barreto. O objetivo principal do capítulo foi identificar os diferentes sentidos de História e Literatura que acompanharam as avaliações de sua obra. Nesse sentido, preocupamo-nos em evidenciar não só as razões mais palpáveis que teriam definido a posição dos intérpretes, mas as próprias concepções de História e Literatura que sustentavam essas interpretações. Além disso, era

¹² SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras – Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹³ Além dos trabalhos já citados, cf. CAMILOTTI, Virgínia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EdUFU, 2008.

interessante demarcar os lugares institucionais dos autores e as expectativas específicas que eles associavam ao discurso literário.

Ao longo do percurso, tivemos a preocupação em demonstrar como essas avaliações não só contribuíam para construir determinada imagem de Lima Barreto junto à historiografia brasileira, como também terminavam por rejeitar certas características de sua obra e minimizavam o diálogo que o romancista estabeleceu com a sua própria época. Assim, o percurso do capítulo foi no sentido de evidenciar: (I) a maneira pela qual se deu a rejeição inicial de sua obra, (II) a relativa valorização que é realizada ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970 – e cuja maior referência é a biografia do romancista escrita pelo jornalista Francisco de Assis Barbosa¹⁴ – chegando a (III) alguns dos problemas e possibilidades que, do nosso ponto de vista, caracterizariam as abordagens atuais.

Esse trabalho possibilitou que discutíssemos a inserção de Lima Barreto no ambiente cultural carioca das primeiras décadas do século XX. Esse foi o tema do segundo capítulo. Nesse momento da pesquisa, procuramos demonstrar o quanto as exigências de autoconsciência, impessoalidade e conhecimento superior da realidade histórica, vistas pela crítica literária tradicional simplesmente como uma deficiência de sua literatura, foram rejeitadas por Lima Barreto em razão do diálogo que ele estabeleceu com os temas intelectuais sua própria época, e que, ao contrário do que sugeriu a maioria dos intérpretes, a concepção de literatura construída pelo romancista não ignorou algumas dificuldades mais característica da escrita literária na modernidade.

A partir de um ponto de vista como esse, procuramos detectar algumas das relações, espaços e tendências históricas e culturais com as quais Lima Barreto estabeleceu correspondências mais significativas. Ao se aproximar de determinados grupos, envolver-se em certas polêmicas intelectuais, e dialogar com determinados escritores, Lima Barreto não só se distanciou das abordagens tradicionais da literatura, como também construiu uma visão específica sobre os termos de sua própria época – vendo-a, sobretudo, como uma conjuntura marcada pelo impacto de novas experiências históricas, mas onde os escritores não

¹⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: J. Olympio. Brasília: INL, 2003. Publicada pela primeira vez em 1952.

poderiam mais contar com o recurso às formas literárias tradicionais nem com a promessa de objetividade reivindicada pelo discurso científico.

Nesse sentido, foi interessante recuperar o quanto Lima Barreto expressou a influência de uma série de autores do período – como Ernest Renan, Anatole France, Thomas Carlyle, Jules de Gaultier, Hippolyte Taine, Ferdinand Brunetière, Jean-Marie-Guyau, entre outros – bem como do próprio ambiente intelectual do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Ainda que esse não seja um tema ignorado pela historiografia, buscamos apontar uma série de aspectos e elementos que, de maneira geral, permanecem pouco abordados pelos intérpretes. Assim, um dos objetivos principais desta parte foi identificar como, a partir da experiência histórica na cidade, o escritor construiu uma concepção muito própria dos sujeitos humanos, da escrita literária, da imaginação, além do próprio papel da literatura diante dos problemas de sua atualidade. Na última parte do capítulo, procuramos detectar, ainda, de que maneira Lima Barreto compreendeu o *tempo histórico* e o recurso aos gêneros literários na modernidade.

A partir do trabalho realizado nos capítulos anteriores, pudemos nos voltar, no terceiro capítulo, para a relação que a sua literatura estabeleceu com as experiências históricas do Rio de Janeiro. Ao longo deste capítulo, buscamos desenvolver uma interpretação diferente de alguns de seus romances e contos mais conhecidos, procurando destacar de que maneira eles representavam alguns dos embates, choques e tensões que atravessaram os ambientes sociais da cidade nas primeiras décadas do século XX.

Uma das preocupações principais desse momento da pesquisa foi reavaliar a imagem ainda bastante cristalizada na historiografia literária brasileira de Lima Barreto como um escritor simplesmente saudosista, popular e suburbano. Ao longo do capítulo, pudemos mostrar personagens transitando entre diferentes espaços sociais, chocando as suas aspirações com o ambiente da cidade, encarando as suas próprias dúvidas, e, sobretudo, desconfiando de qualquer experiência intelectual que descurasse de suas próprias tensões, oscilações e ambivalências. Mais do que se voltar para uma única região do Rio de Janeiro, ou, ainda, apresentar um sentido unívoco para as transformações de sua época, nos preocupamos em demonstrar o quanto o romancista fez da sua literatura uma maneira de expressar sujeitos, confrontar ambientes, e sugerir outras

possibilidades de relação com a cidade. Nesse sentido, podemos afirmar que, se por um lado, Lima Barreto não nos oferece, através de sua literatura, qualquer identidade estritamente homogênea para Rio de Janeiro de seu tempo, ele nos permite entrever uma série de tensões e oscilações atravessando cotidianamente a experiência da cidade.